

---

## Espaço e experiência estética-Arte como dispositivo de uma educação ambiental do olhar

Elisabeth Brandão Schmidt<sup>1</sup>

Luiza Corrêa Eloi<sup>2</sup>

Danielle Müller de Andrade<sup>3</sup>

### Introdução

*O que importa no olhar:  
Poder ver aquilo que está além;  
Poder ver do tamanho que vejo;  
Que tamanho que vejo? Como vejo?  
(René Magritte)*

O que de fato se vê quando se vê? O registro do mundo que se passa aos nossos olhos por meio de sensações luminosas percorre um longo e complexo caminho até se apresentar como imagem mental, que é assimilada pelo cérebro e produz nossa percepção da realidade. Este processo, além de um fenômeno óptico, físico, químico e fisiológico, é, sobretudo, psicológico, condicionado pelas experiências, pela história e pela memória, o que conduz cada ser a formular sua própria leitura de mundo e a dar-lhe corporeidade a partir daquilo que compreende como real.

Um dos pressupostos da Educação Ambiental consiste na ação e reflexão de sujeitos para exercerem uma transformação de si e do todo mediante conexões com as esferas sociais e ambientais, agindo criticamente e tornando-se criadores de seu próprio momento histórico. Em um período de crise global, decorrente do projeto societário vigente, a dissociação entre o ser e a natureza vem conduzindo os indivíduos a um estado de alienação dos sentidos. Não mais percebendo nem a si mesmos, nem o seu entorno, sujeitos passam a viver na condição de meros agentes reprodutores da cultura hegemônica.

---

<sup>1</sup> Universidade Federal do Rio Grande - FURG, Rio Grande, elisabethlattes@gmail.com

<sup>2</sup> Universidade Federal do Rio Grande - FURG, Rio Grande, luiza.correa.eloi@gmail.com

<sup>3</sup> Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense. Pelotas, danielleandrade@ifsul.edu.br

A mudança de uma visão instrumental e mecânica para uma visão atenta e crítica é uma revolução do ato de olhar, uma educação do olho que se abre para o espaço e se permite captar cada nuance do presente, ação que se dá em um tempo e lugar e se configura a partir da constituição ontológica de cada ser. Essa educação que ensina a ver o mundo fenomênico dá-se por meio do exercício de questionamento e insurreição diante do que está dado como fato, para então fazer emergir, das relações entre o ser consigo mesmo, com o outro e com o meio, outras formas de existência.

Pensando-se em modos de despertar os múltiplos sentidos do olhar por intermédio de uma Educação Ambiental na esfera do ensino formal, a Arte é aqui apresentada como dispositivo acionador de uma práxis transformadora da percepção do espaço. A escolha da abordagem ocorreu por compreender-se que, ao tempo em que se vive uma crise da experiência sensível, a Arte permite o alargamento do horizonte perceptivo e sensorial mediante a expressão criadora e a manifestação estética.

A ideia de espaço, segundo a abordagem fenomenológica, é apresentada em um primeiro momento da escrita, no esforço de analisar como se dá a experiência do mundo vivido e percebido. Em seguida, uma abordagem da educação da atenção a partir de Tim Ingold e reflexões sobre a percepção espacial, da perspectiva do campo das Artes, pretendem mostrar como o que é visto se distorce na desatenção contemporânea. Por fim, defende-se a ideia de que a transformação do ato de olhar por meio da Educação Ambiental e da experiência estética é uma possibilidade de transgredir o senso comum ao tecer outras relações entre o ser e o espaço.

Em tempos em que cada vez mais pessoas abdicam voluntariamente da capacidade de olhar, uma educação que desperte a atenção às sutilezas do mundo torna-se não só necessária, como também urgente. Uma Educação Ambiental do olhar é aqui colocada como forma de potencializar a visão através da percepção crítica e questionadora da realidade, por meio de um percurso ético e estético, mas sem que se pretenda adensar teoricamente o conteúdo em um ensaio, e sim realizar um primeiro sobrevoo sobre o tema. Nessa perspectiva, o objetivo desta escrita foi o de construir argumentos para evidenciar a importância da Arte como dispositivo de uma Educação Ambiental do olhar. A análise torna-se pertinente ao educador ambiental,

contribuindo para uma práxis pedagógica compromissada com as questões socioambientais, capaz de modificar no sujeito a compreensão de si e do mundo.

### **Espaço e percepção: algumas considerações fenomênicas**

A fenomenologia designa o estudo da manifestação de fenômenos que se dão em determinado tempo e espaço. Trata-se de uma abordagem epistemológica surgida no século XX que, por meio de um método filosófico, buscou compreender a essência das coisas e a forma como são percebidas. Dentre as múltiplas perspectivas teóricas fenomenológicas, as concepções de Heidegger e Merleau-Ponty embasarão a análise aqui elaborada da percepção espacial. Embora os dois intelectuais tenham desenvolvido suas próprias linhas de pensamento dentro da fenomenologia, a ontologia de Heidegger e o estudo sobre a percepção de Merleau-Ponty convergem em ideias para a elaboração de uma narrativa sobre o espaço vivido e observado.

Heidegger não chegou a formular conceitos específicos com relação ao espaço; entretanto, a influência de sua filosofia ontológica trouxe grandes contribuições para a geografia humanista, principalmente para o desenvolvimento dos conceitos de espaço e lugar. Sendo o Tempo e o Ser seus principais objetos de estudo, Heidegger demonstra que a existência do ser está intrinsecamente vinculada à dimensão temporal; o homem é um ser-no-mundo que se constitui na relação consigo mesmo e com o outro, e anterior a qualquer determinação sobre sua construção de sujeito psicológico ou transcendental.

Na tentativa de compreender este ser que se lança ao mundo, Heidegger utiliza a expressão alemã *Dasein*, pre-sença ou ser-aí, cuja essência é a própria existência em eterno vir-a-ser. É nesse encontro com o mundo e com sua mundanidade, com os entes (coisas) e com os demais seres, que o homem vai se concebendo e exercendo consciência de si:

O *Dasein* partilha com os outros o espaço que circunda. Em sua ocupação ele se encontra a si mesmo e aos outros. De fato, nesta possibilidade de ser-com-os-outros, o estar-só do *Dasein* é ser-com no mundo [...]. O próprio *Dasein* só é na medida em que possui a estrutura essencial de ser-com, enquanto co-*Dasein* que vem ao encontro dos outros (HEIDEGGER, 1998,

p.171).

Perceber o mundo, portanto, implica um estado relacional com o ser que o vivencia, adensando sua experiência pelo envolvimento com o espaço, “lugarizando-o” e assim transformando as relações de pertencimento que com ele estabelece. Segundo Marandola Jr. (2012), espacialidade, mundo e pre-sença não existem nem preexistem independentemente (p.235). Logo, este ser-aí, inalienável do ser-no-mundo, encontra-se no centro do mundo fenomênico ontológico, circunscrito e circundado pelas coisas e pelos homens, e circunstanciado no tempo e no espaço (MARANDOLA JR., 2012).

Se o ser se constrói em alteridade com o mundo e se é apreendido pelo corpo a partir das sensações, pode-se, desse modo, dizer que a nossa própria constituição implica o modo como assimilamos aquilo que se apresenta como fenômeno à nossa percepção. O espaço, então, é revelado porque é primordialmente experienciado na esfera do sensível por meio dos sentidos. O olho, como instrumento da percepção visual, é a lente que nos permite captar as impressões que compõem nossa imagem do real, condicionado pelas relações criadas na esfera da existência de cada ser. Segundo Merleau-Ponty, a percepção “[...] é tornar algo presente a si com a ajuda do corpo, tendo a coisa sempre seu lugar num horizonte de mundo e consistindo a decifração em colocar cada detalhe nos horizontes perceptivos que lhe convenha” (MERLEAU-PONTY, 1999, p.93).

Merleau-Ponty faz uma crítica à ciência e à filosofia clássicas ao compreender que ignoram a inesgotabilidade do mundo pré-objetivo na afirmação de um mundo objetivo dado e determinado, pontuando a necessidade de um retorno às coisas mesmas: “retornar a este mundo anterior ao conhecimento do qual o conhecimento sempre fala, e em relação ao qual toda determinação científica é abstrata, significativa e dependente” (MERLEAU-PONTY *apud* MARQUES, 2017, p.09). Para tanto, o fenomenólogo afirma que é preciso compreender a experiência perceptiva, “visto que a percepção é a iniciação ao mundo” (MERLEAU-PONTY *apud* MARQUES, 2017, p.09). Não obstante, este mundo singular que nos circunda e que se apresenta pela experiência sensível encontra-se hoje imerso em uma crise de valores sociopolíticos, econômicos, éticos e estéticos, condenado pela fluidez das relações e pela

liquidez do espaço e do tempo (BAUMAN, 2001).

Sendo assim, como podemos estar abertos a uma visão de mundo que vá além da atual perspectiva alienada e mecânica, que desvele o presente de modo a despertar o olhar para o que é sutil? Em especial, a percepção do espaço tem a ver com capacitar os sentidos para captar as entrelinhas do que é visível e não visível. Com o distanciamento do olhar, adquire-se a lente crítica que amplia a experiência da visão, fazendo emergirem, do olhar atento, possibilidades de criar e recriar a si e ao mundo.

### **Educar a atenção: considerações de Ingold**

Educar o modo de perceber o mundo implica uma nova forma de saber, que não se dá na apreensão do conhecimento em si, e sim no próprio olhar atento ao fenômeno. Para o antropólogo britânico Tim Ingold (2015, p.21), “se você é educado para saber demais sobre as coisas, há o perigo de ver seu próprio conhecimento ao invés da coisa em si”. Como exemplo, o autor apresenta uma passagem do poeta Andrew Greig<sup>4</sup>, em que um ornitólogo e um poeta colocam à prova seus conhecimentos sobre pássaros. Enquanto o primeiro é capaz de caracterizar cada pássaro, informando seu nome científico, habitat natural e padrões de reprodução e de alimentação, o outro simplesmente admira cada ave (nomeando talvez as mais comuns), em um estado de encantamento que dispensa qualquer análise intelectual da ação de observar.

Tim Ingold (2015) argumenta que a educação deveria estar embasada não na inculcação de conhecimento dentro das mentes dos alunos, mas no movimento de condução para fora, para o mundo. Nesse sentido, o próprio ato de caminhar consistiria em uma forma de educação da atenção, em que a exposição ao ambiente revelaria aos sujeitos o “aparecer das coisas”, em um exercício imaginativo que consiste no próprio processo de criação da vida humana.

O autor, ao constatar a inseparabilidade da aprendizagem e dos processos do cotidiano, elabora a ideia de que o conhecer e o agir no mundo têm como centro a noção de habilidades (*skill*). Para Ingold, tais habilidades estão relacionadas às práticas, sendo estas o próprio

---

<sup>4</sup> GREIG, A. *At the loch of the green corrie*. London: Quercus, 2010.

engajamento do ser no mundo (CARVALHO; STEIL, 2009). Na perspectiva de uma educação da atenção, o conhecimento passa a ser obtido por meio do movimento no mundo, ao qual o sujeito pertence na medida em que observa e se mantém alerta aos sinais que se revelam: “Aprender a ver então não é uma questão de adquirir um esquema mental para construir o ambiente, mas a aquisição de habilidades para um engajamento perceptivo direto com os elementos constituintes do mundo, humano e não humano” (CARVALHO; STEIL, 2009, p.97).

Em termos metodológicos, a prática da atenção exige da experiência educativa não mais do que um estado de presença, construindo-se o caminho para o conhecimento durante todo o processo de aprendizagem, em uma relação dialógica entre sujeitos e ambiente. A simplicidade implicaria o que Masschelein (2010, p.49 *apud* INGOLD, 2015, p.34) denominou de “pedagogia pobre”, em contraponto ao sistema conteudista de uma “pedagogia rica”.

Não tendo uma meta, um fim em vista, sempre esperando, sempre presente, exposto e não obstante impressionado pelo mundo através do qual ele vaga, ele não tem nada a aprender nem nada a ensinar. Seu itinerário é um modo de vida, mas é um modo sem conteúdo a transmitir. Não há corpo de conhecimento a ser passado adiante. E porque não há nada a ser passado adiante, não há métodos para fazê-lo (INGOLD, 2015, p.33).

Segundo Ingold (2015), o que se compreende por metodologia no atual sistema escolar transforma os meios em fim, apartando o conhecimento, na forma de conteúdo, dos modos pelos quais se conhece e impondo um fechamento à experiência, ao contrário da abertura oferecida por uma “pedagogia pobre”. A educação que se faz presente no tempo presente é aquela na qual o sujeito se submete ao mundo, colocando-se em risco, desbravando-o. Neste processo, o educador põe-se em horizontalidade com educandos, rompe a hierarquia do conhecimento e propõe-se a vivenciar a experiência educativa em conjunto com os demais aprendentes. “Ele ou ela (o/a educador/a) é menos um guardião de fins do que um catalisador de começos, cuja tarefa é destravar a imaginação e lhe propiciar a liberdade de vagar sem um fim ou destino” (INGOLD, 2015, p.32).

Portanto, educar a atenção é habitar um horizonte em eterno devir, em que a realidade se apresenta como potência mediante o desdobramento da percepção e da imaginação de cada

ser vivente. As coisas estão no mundo a aparecer, aguardando ser percebidas e, assim, criadas. A mudança de um paradigma cartesiano racionalista e controlador da experiência até um estágio de pura contemplação e fruição dos fenômenos consistiria em um movimento em direção à vida em sua plenitude. Defende-se a ideia de que a educação que reconhece a própria vida como princípio inalienável certamente estaria em um caminho mais sensível para a verdade.

### Experiência estética e educação ambiental

O movimento entrópico em que se encontra a sociedade contemporânea nos faz questionar se, em essência, a crise de valores não se trata de uma grande distorção dos sentidos e dos afetos. A própria questão referente aos conflitos ambientais aponta para uma problemática social que se inicia no sujeito e na forma como este vê a natureza e com ela se relaciona, enxergando-a como objeto apartado de si.

Para que outra realidade seja possível, é preciso primeiramente transformar a forma como se olha para o mundo. A educação do olhar dá as condições para que o sujeito passe a perceber-se e a perceber o seu entorno de modo atento e reflexivo, permitindo-se abrir-se para o mundo para que este possa, então, lhe ser apresentado (MASSCHELEIN, 2009). Este exercício no campo da experiência estética tem grande contribuição do estudo das Artes, uma vez que diversos artistas, educadores e filósofos, ao longo dos tempos, se ocuparam de compreender outros modos de experimentar a percepção.

Em *O tempo presente do espaço* (1978), Robert Morris aborda trabalhos artísticos como acionadores de uma experiência espacial em constante mudança que se estende no tempo, apresentando o autor um estado de ser que é inseparável do espaço e da realidade presente, denominando como *presentness*, ou *presentidade*. Na distinção que faz da percepção do espaço, Morris (2006) aponta dois estados que constituem a percepção de *self*, ou si, sendo o de uma percepção ligada ao espaço temporal, ou percepção do “mim”, e outro estado conectado ao sentido de tempo presente, ou percepção do “eu”. O primeiro (*mim*) diz respeito à imagem de si reconstituída por meio da memória, linguagem, imagens, juízos etc., tendo

como atributo objetos que buscam representar ou reconstituir ideias de si (PAVAN, 2018). O segundo estado (*eu*) representa a experiência imediata, em uma experimentação de si e do espaço que se dá no contínuo presente, na *presentidade*. Com base no pensamento de Morris, Pavan descreve a percepção do espaço como uma das mais notáveis experiências do tipo eu. Pois, na percepção espacial estática,

[...] o modo de estar constantemente atento e imerso faz com que o espaço de quem percebe a situação coexista com aquilo que é percebido, o sujeito aqui é circundado por aquilo que percebe. Enquanto na percepção espacial temporal diretamente ligada ao mim, ao perceber um objeto, o sujeito o circunda, o envolve com sua percepção, terminando esse momento numa espécie de julgamento e síntese determinada por sua linguagem, história, etc. (PAVAN, 2018, p.3).

Perceber o espaço, portanto, consiste em um movimento de alteridade com aquilo que se observa, em um processo relacional de presença que se dá essencialmente na esfera do sensível. No que tange ao pensamento de Merleau-Ponty, a percepção é analisada como fenômeno central da inserção do homem no mundo, tendo o sensível o estrato original, ao qual se remetem todos os outros campos ontologicamente possíveis (FRAYZE-PEREIRA, 2004). Dessa maneira, a experiência estética, ou experiência sensível, atua como acionadora de sentidos a partir do contato e da contemplação estabelecidos com determinado elemento estético:

Porque envolve necessariamente a percepção, a experiência estética depende de minha participação no objeto para acontecer [...]. O que possibilita essa 'estada no objeto' é justamente a percepção estética, que é diferente da percepção cotidiana. A percepção estética não visa ao objeto segundo a sua finalidade prática ou utilitária, mas implica a abertura e entrega do sujeito a um mundo sensível que o convida não a decifrá-lo, mas a senti-lo (REIS, 2011, p.76).

Como experiência que se dá no envolvimento entre sujeito e objeto, a experiência estética "subentende uma participação ainda mais ativa por parte do percebedor, de quem o objeto estético necessita impreterivelmente para aparecer, uma vez que esse objeto só existe por nós e para nós" (REIS, 2011, p.78).



A Arte, como processo de experimentação estética, propicia, pela imaginação e pela fruição, criar o estado de percepção que difere da percepção cotidiana, pois exerce posição ativa e crítica do observador perante o visto. O exercício da experiência estética proporciona aos sujeitos a expansão do olhar diante da realidade, transfigurando os esquemas perceptivos que o condicionam sob influência de juízos preconcebidos.

A arte muitas vezes propõe questões para o espectador e o desafia a olhar determinada coisa por outros ângulos [...]. Essa abertura à diferença, ao novo, é essencial para que os sujeitos reconheçam a possibilidade de mudança, e qualquer transformação social começa por uma mudança de perspectiva, um esforço individual e coletivo para enxergar possibilidades mais satisfatórias de construir nossas próprias vidas, nossas relações sociais, nosso trabalho, nosso presente e nosso futuro (REIS, 2011, p.78).

A natureza da Arte, em seu incessante movimento pela invenção e reinvenção da realidade, coloca-a como dimensão fundamental na tentativa de se pensar uma educação do ato de olhar. Indo além de uma experiência estética no sentido do que é belo ou mensurável, a Arte é aqui evocada como convite à atenção, como lente que alarga o horizonte e desloca a visão ordinária do mundo para uma visão ativa, crítica e reflexiva sobre ele.

Nessa perspectiva, como a Arte pode ser incorporada a uma Educação Ambiental, a fim de proporcionar uma experiência sensível capaz de modificar a visão do sujeito com relação a si mesmo, ao outro e ao espaço onde habita? A resposta a essa pergunta demanda um estudo pormenorizado no campo da Arte Educação e da Educação Ambiental; para fins deste ensaio, propomos iniciarmos o pensamento sobre uma Educação Ambiental do olhar a partir das Artes Visuais.

O campo perceptivo do olhar nos afortuna com sua essência investigativa quando, sensível e crítico, nos proporciona o espanto da descoberta de outro mundo circundante, camuflado muitas vezes sob o benefício de olhares cansados e reprodutores de visões calcadas em 'verdades absolutas'. Compreendemos então que não basta olhar; é preciso olhar com cautela, com paciência e vontade de desenvolver sensações visuais únicas – um olhar que amplie as possibilidades de significados (TAVARES; BRANDÃO; SCHMIDT, 2009, p.187).

Em um primeiro momento, seria importante que o educador ambiental compreendesse que a educação estética está além de um percurso puramente metodológico, estendendo-se como estado de espírito que se abre a um plano imaginário sempre suposto como possível. Ultrapassando a abordagem disciplinar, é fundamental que a educação seja *pela arte, através da arte*, constituindo a Arte o próprio ser/estar pedagógico da experiência educativa.

Linguagens e materiais artísticos que permitam o exercício criativo podem ser utilizados, de forma a oferecer instrumentos para enriquecer o trabalho educativo; entretanto, esta não é a principal questão aqui proposta. Defende-se a ideia de que o componente subjetivo e intersubjetivo que assume o campo da Arte é que permite olhar o mundo não com o olho óptico, mas com todo o arbitrário de experiências que nos constituem e com as quais construímos nossas identidades e cultura. Esta potência criativa que inicia no ato de olhar transborda no mundo por meio de atitudes, pensamentos e ações transformadoras. Ousa-se, portanto, dizer que se encontra na Arte a panaceia<sup>5</sup> de toda a nossa crise de percepção.

### Considerações finais

Ao se analisar fenomenologicamente o modo como sujeitos percebem o mundo na contemporaneidade, é possível observar que a experiência perceptiva se encontra hoje velada por uma penumbra de concepções distorcidas que insinua a imagem do real antes mesmo que o indivíduo tenha tempo de abrir os olhos. O estado do olho em crise agrava-se, na medida em que a anestesia da visão é usada como mecanismo do corpo para confortar um vazio ontológico que se alastra pelo espectro global, em uma pandemia de cegueira consentida. O olho passa, então, a servir como apêndice da face, passivo na experiência perceptiva e inerte em relação à própria presença do ser no tempo e espaço que o circundam.

Tal estado de alienação, não só tem influenciado a forma como o sujeito vem negligenciando a sua própria condição humana, como também tem o mantido alheio ao reconhecimento de outras formas de existência. De fato, a natureza dos conflitos socioambientais que afligem hoje o planeta pode ser expressa em uma única crise, que Capra

---

<sup>5</sup> Coisa que possa remediar vários ou todos os males.

(2014) aponta como sendo uma crise de percepção. Perceber o outro e o ambiente que o circunda simboliza o reencontro do sujeito consigo mesmo e com o mundo, em um movimento de reencantamento pela vida que, longe de ser ingênuo, coloca o indivíduo como agenciador de sua própria experiência ontológica.

Para que se instaure um estado de atenção capaz de captar o espaço em sua magnitude sensível, urge que Arte e Educação Ambiental estejam entrelaçadas, no esforço de empreender uma revolução do ato de olhar por meio da observação dos fenômenos sociais e ambientais e da experiência estética. A criação e a fruição acionada pelos processos artísticos possibilitam o encontro com o universo imaginativo em que o homem intervém na construção de si e do mundo, transformando-se.

A Arte, como dispositivo de uma Educação Ambiental do olhar, consiste na própria práxis pedagógica pela qual se atravessam conteúdos que envolvem a natureza social e ambiental com enfoque na experiência sensível. Ao situar o indivíduo no espaço e tempo presentes, levanta questionamentos que intrigam a percepção do mundo e exigem uma ação e reflexão críticas sobre os fenômenos que se apresentam. Portanto, compreende-se que uma educação que se valha dos modos artísticos em conjunto com a Educação Ambiental pode contribuir significativamente no alargamento da experiência de mundo dos sujeitos, sobretudo para a leitura da realidade mediante o exercício imaginativo e a percepção atenta ao espaço.

### Referências

BAUMAN, Z. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

CAPRA, F. *O Ponto de Mutação*. 30. reimp., São Paulo: Cultrix, 2014.

CARVALHO, I. C. M.; STEIL, C. A. O habitus ecológico e a educação da percepção: fundamentos antropológicos para a educação ambiental. *Educação & Realidade*, v.34, n.3, set.-dez., p.81-94, 2009.

FRAYZE-PEREIRA, J. A. A dimensão estética da experiência do outro. *Pro-Posições*, v.15, n.1, p.19-25, 2004.

HEIDEGGER, M. *Ser e tempo*: parte II. 2. ed. Trad. Márcia de Sá Cavalcanti. Petrópolis: Vozes,

1998.

INGOLD, T. O dédalo e o labirinto: caminhar, imaginar e educar a atenção. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 21, n.44, p.21-36, 2015.

MARANDOLA JR, E. Lugar enquanto circunstancialidade. In: HOLZER, W.; MARANDOLA JR., E.; OLIVEIRA, L. (org.). *Qual o espaço do lugar?: geografia, epistemologia e fenomenologia*. São Paulo: Perspectiva, p.227-247, 2012.

MARQUES, R. F. *Merleau-Ponty e a experiência do espaço*. 2017. 111f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/9945>. Acesso em: ago. 2021.

MASSCHELEIN, J. E-ducando o olhar: a necessidade de uma pedagogia pobre. *Revista Educação e Realidade*, v.1, n.33, p.35-48, 2008.

MERLEAU-PONTY, M. *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MORRIS, R. O tempo presente do espaço. In: FERREIRA, G.; COTRIM, C. (org.). *Escritos de artistas, anos 60/70*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006, p.401-420.

PAVAN, V. *Entre espaços*. Pelotas: Editora UFPEL, 2018.

REIS, A. C. A experiência estética sob um olhar fenomenológico. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, Rio de Janeiro, v.63, n.1, p.75-86, 2011.

TAVARES, C. M. S.; BRANDÃO, C. M. M.; SCHMIDT, E. B. Estética e educação ambiental no paradigma da complexidade. *Revista Pesquisa em Educação Ambiental*, v.4, n.1, p.177-193, 2009.

Recebido em agosto 2021.

Aprovado em julho 2022.